



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS  
CÂMPUS DE TOCANTINÓPOLIS  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

**KELVIN JHONN DOS SANTOS NEVES**

**“ENTÃO VAMOS APRENDER A BRIGAR, TIO?”: OS JOGOS DE  
OPOSIÇÃO COMO POSSIBILIDADE PEDAGÓGICA NO ENSINO DAS  
LUTAS NA ESCOLA**

Tocantinópolis – TO  
2021

**KELVIN JHONN DOS SANTOS NEVES**

**“ENTÃO VAMOS APRENDER A BRIGAR, TIO?”: OS JOGOS DE  
OPOSIÇÃO COMO POSSIBILIDADE PEDAGÓGICA NO ENSINO DAS  
LUTAS NA ESCOLA**

Monografia apresentada à Universidade Federal do  
Tocantins - Câmpus de Tocantinópolis, para obtenção do  
título de professor licenciado em Educação Física.

Orientador: Dr. Mayrhon José Abrantes Farias

Tocantinópolis – TO

2021

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

N518◆ Neves, Kelvin Jhonn dos Santos.  
“ENTÃO VAMOS APRENDER A BRIGAR, TIO?” Os jogos de oposição  
como possibilidade pedagógica no ensino das lutas na escola. / Kelvin Jhonn  
dos Santos Neves. – Tocantinópolis, TO, 2021.

33 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus  
Universitário de Tocantinópolis - Curso de Educação Física, 2021.

Orientador: Maython José Abrantes Farias

1. Jogos de oposição. 2. Violência. 3. Lutas. 4. Educação Física escolar. I.  
Título

**CDD 796**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer  
forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte.  
A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184  
do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os  
dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

# FOLHA DE APROVAÇÃO

KELVIN JHONN DOS SANTOS NEVES

## “ENTÃO VAMOS APRENDER A BRIGAR, TIO?”: OS JOGOS DE OPOSIÇÃO COMO POSSIBILIDADE PEDAGÓGICA NO ENSINO DAS LUTAS NA ESCOLA

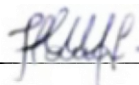
Monografia foi avaliada e apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Tocantinópolis, Curso de Licenciatura em Educação Física para obtenção do título de licenciado em Educação Física e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 22/04/2021

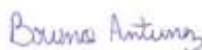
Banca Examinadora



Prof. Dr. Mayrhon José Abrantes Farias (Orientador), UFT - Tocantinópolis



Prof. Dr.ª Flávia Martinelli Ferreira (Examinadora), Faculdade Anhanguera de Campinas



Prof. Ms. Bruno Fernandes Antunez (Examinador), UFT - Tocantinópolis

Tocantinópolis, 2021

*Dedico este trabalho de conclusão de curso à  
minha mãe Cleonice, minha inspiração de  
força e perseverança.*

## **AGRADECIMENTOS**

À Deus, por ter me proporcionado a vida e saúde, me fortalecendo para todos os desafios que surgiram ao longo desses 4 anos e meio de curso. A ele toda a honra, toda a glória e todo louvor eternamente.

À minha namorada Rute de Maria, que sempre esteve ao meu lado, me incentivando, e me dando apoio, soube ter paciência nas minhas ausências em virtude dos estudos. Te amo!

Aos meus colegas de classe, que nesse percurso do curso se tornaram amigos e estiveram sempre comigo nos desafios enfrentados.

À minha família, em especial os meus filhos Cauã e Ruan, o principal motivo da minha dedicação aos estudos, sei que em breve teremos um retorno positivo.

Ao professor Mayrhon, meu orientador, que sempre acreditou no meu potencial durante todo o percurso da graduação e principalmente no desenvolvimento do estudo, aprendi muito com você nessa trajetória.

À Universidade Federal do Tocantins, por ser uma das melhores instituições de ensino superior e por me propiciar esse curso integralmente gratuito.

## RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo compreender o ponto de vista de crianças do 4º ano do ensino fundamental de uma escola pública de tempo integral da cidade de Porto Franco – MA, acerca das lutas, a partir de suas produções culturais e de intervenções pedagógicas com os jogos de oposição. A turma sugerida para o estudo foi composta por 27 crianças, sendo 15 meninos e 12 meninas, com faixa etária entre 9 e 10 anos. Isto posto, realizamos uma pesquisa de campo, de caráter interventivo, dividida em duas etapas: na primeira, realizamos uma roda de conversa e sugerimos a elaboração de desenhos temáticos, como forma de mapear compreensões introdutórias desses sujeitos em relação as lutas; a segunda, correspondeu a um bloco de 6 (seis) intervenções com o conteúdo lutas, por meio de jogos de oposição, realizados entre os meses setembro e outubro do ano de 2019, na escola. A análise qualitativa dos registros de campo nos permitiu perceber que a compreensão inicial das crianças acerca das lutas, em larga medida, era composta por uma associação com condutas violentas, apreendidas no cotidiano, dentro e fora da escola, com forte apelo midiático. Conclui-se, a partir das intervenções, que a distorção na representação das lutas e a associação com a temática violência, antes apresentada pelas crianças, foi resignificada com os jogos de oposição.

**Palavras-chave:** Violência. Jogos de oposição. Educação física escolar.

## **ABSTRACT**

The present work aimed to understand the point of view of children from the 4th year of elementary school in a public full-time school in the city of Porto Franco - MA, about the struggles, from their cultural productions and pedagogical interventions with definition games. The class listed for the study was composed of 27 children, 15 boys and 12 girls, aged between 9 and 10 years. That said, we carried out a field research, of an interventional nature, divided into two stages: in the first, a round of conversation took place and the application of thematic drawings with the children, as a way to map introductory understandings these subjects have in relation to the struggles; the second, corresponded to a block of 6 (six) techniques with the content fights, through games of choice, held between the months of September and October of the year 2019, at the school. A qualitative analysis of field records in common perceives that children's initial understanding of struggles, to a large extent, was made up of an association with violent behaviors, apprehended in daily life, inside and outside the school, with strong media appeal. It is concluded, from the interventions, that the distortion in the representation of the fights and the association with the violence theme, previously presented by the children, was re-signified with the games accordingly.

**KEYWORDS:** Violence. Distinction games. School physical education.



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2 OBJETIVOS.....</b>	<b>11</b>
<b>2.1 OBJETIVO GERAL.....</b>	<b>11</b>
<b>2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....</b>	<b>11</b>
<b>3 REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>12</b>
<b>3.1 AS LUTAS NO CONTEXTO ESCOLAR .....</b>	<b>13</b>
<b>3.2 VIOLÊNCIA E PRÁTICAS CORPORAIS NA INFÂNCIA.....</b>	<b>14</b>
<b>4 DELINEAMENTOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>16</b>
<b>4.1 CARACTERÍSTICAS GERAIS DO CAMPO E DOS SUJEITOS DE PESQUISA .</b>	<b>17</b>
<b>5 RESULTADOS E DISCUSSÃO .....</b>	<b>19</b>
<b>5.1 SOBRE A COMPREENSÃO DAS CRIANÇAS ACERCA DAS LUTAS .....</b>	<b>19</b>
<b>5.2 SOBRE AS INTERVENÇÕES COM OS JOGOS DE OPOSIÇÃO.....</b>	<b>23</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>31</b>
<b>8 REFERÊNCIAS.....</b>	<b>32</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A escola é um lugar que objetiva proporcionar o desenvolvimento integral dos alunos. Este espaço de desenvolvimento e de aprendizagens trabalha aspectos históricos, culturais, cognitivos, afetivos e sociais, os quais estão inseridos nas interações cotidianas. Apesar da imensa importância da escola para o crescimento dos sujeitos educandos, este ambiente possui grandes desafios, dentre os quais, a violência escolar (MARTINS, 2005). A indisciplina em sala de aula também é um fator que agrava as ocorrências de ações violentas nas escolas e, conseqüentemente, podem acarretar impactos diretos na aprendizagem (SOUZA, 2013).

A violência é um problema global, presente na sociedade moderna, que afeta a vida de todos, incluindo nas escolas, sob as mais diversas formas de manifestação. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) violência é por definição:

O uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação (KRUG *et al.*, 2002, p. 1084).

Dessa forma, segundo Gomes *et al.*, (2013), a Educação Física por meio do conteúdo lutas, se configura como uma ferramenta com grande potencial de transformação e construção de sujeitos críticos, capazes de refletir e intervir em conjunturas marcadas por condutas violentas. Através da vivência e apropriação do conteúdo das lutas, nos seus mais diversos aspectos, por exemplo, crianças e jovens aprendem a diferenciar práticas violentas, de práticas corporais com foco na educação, no lazer, na saúde, etc.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) apontam que as lutas auxiliam na ampliação dos saberes relacionados a concepções e atitudes dos alunos, utilizando como ferramenta a cultura corporal do movimento (BRASIL, 1997). Esse tratamento pedagógico promove opções mais conscientes e autônomas proporcionando a obtenção de valores e atitudes que modificam o modo dos sujeitos interagirem no mundo além de influenciar na tomada de decisões mais conscientes.

Adicionalmente, percebe-se que as práticas relacionadas às lutas, que antes eram classificadas como técnicas de defesa ou artes marciais, por vezes têm sido correlacionadas diretamente com atos de violência e agressividade. No contexto escolar isso não é diferente, o que acaba por comprometer a inserção e/ou o desenvolvimento do conteúdo lutas pelo professor de Educação Física (GOMES *et al.*, 2013).

Nesse contexto, é de fundamental importância avaliar a compreensão dos sujeitos educandos acerca de saberes que cercam o cotidiano dentro e fora das escolas. A partir de nossa experiência ao longo de 6 anos atuando em funções administrativas na Secretaria Municipal de Educação da cidade de Ponto Franco – MA, pudemos identificar em algumas escolas de ensino fundamental, o quanto a violência local permeia o imaginário das crianças, modulando, inclusive, condutas e formas de manifestação das culturas infantis, imprimindo conceitos que não impõem limites muito bem delineados entre condutas violentas, das brincadeiras e de gestos de lutas. Desse modo, com base nos expostos, dispomos das seguintes questões de pesquisa: quais são as compreensões das crianças acerca das lutas? Como esses conceitos seriam postos à prova em intervenções pedagógicas com o conteúdo lutas na escola?

Ademais, tais questões podem responder problemas acadêmicos que já permeiam a relação do conteúdo lutas no campo da Educação Física, quanto colaborar para a resolução de conflitos no meio escolar, a partir do momento que pode suscitar estratégias a serem utilizadas. Além do mais, pode dar visibilidade a alguns conteúdos que podem ser trabalhados com a finalidade de problematizar condutas agressivas, problematizando as diversas faces da violência manifestadas dentro e fora do ambiente escolar.

## **2 OBJETIVOS**

### **2.1 Objetivo geral**

Compreender o ponto de vista de crianças do 4º ano do ensino fundamental de uma escola pública de tempo integral da cidade de Porto Franco – MA, acerca das lutas, a partir de suas produções culturais e de intervenções pedagógicas com os jogos de oposição.

### **2.2 Objetivos específicos**

- a) Mapear as produções culturais infantis relacionadas ao conceito de luta;
- b) Analisar as expressões dos limites entre o brincar, o brigar e o lutar das crianças a partir das vivências corporais com os jogos de oposição;

### 3 REFERENCIAL TEÓRICO

Definir o termo “luta” requer muita atenção, uma vez que dispõe de vários significados (CORSINO, 2013). De acordo com o dicionário brasileiro de língua portuguesa (MICHAELIS, 2021), a palavra "luta", advém do latim "*lucta*", que significa exercício de luta, ou competição em que dois indivíduos desarmados se enfrentam corpo a corpo procurando derrubar um ao outro utilizando golpes que respeitem, rigorosamente, o regulamento. Ademais, conforme Rufino e Darido (2011), além do termo luta, não há consenso no uso das expressões “artes marciais” ou “modalidades esportivas de combate” no trato do conteúdo na Educação Física escolar.

Ao recorrermos aos conceitos previstos nos documentos que regem a Educação Básica brasileira, tais como os Parâmetros Nacionais Curriculares (PCN`s) (1997, p. 37), as lutas são definidas como:

[...] disputas em que o(s) oponente(s) deve(m) ser subjugado(s), mediante técnicas e estratégias de desequilíbrio, contusão, imobilização ou exclusão de um determinado espaço na combinação de ações de ataque e defesa. Caracterizam-se por uma regulamentação específica, a fim de punir atitudes de violência e de deslealdade. Podem ser citados como exemplo de lutas desde as brincadeiras de cabo-de-guerra e braço-de-ferro até as práticas mais complexas da capoeira, do judô e do caratê.

Já a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018, p. 218) dispõe de uma unidade temática específica para as lutas, onde apresenta os conteúdos a serem trabalhados, e é compreendida como:

[...] disputas corporais, nas quais os participantes empregam técnicas, táticas e estratégias específicas para imobilizar, desequilibrar, atingir ou excluir o oponente de um determinado espaço, combinando ações de ataque e defesa dirigidas ao corpo do adversário. Dessa forma, além das lutas presentes no contexto comunitário e regional, podem ser tratadas lutas brasileiras (capoeira, huka-huka, luta marajoara etc.), bem como lutas de diversos países do mundo (judô, aikido, jiu-jítsu, muay thai, boxe, chinês boxing, esgrima, kendo etc.).

Outrossim, cabe-nos destacar que, para além dos delineamentos de definições de ordem conceitual é indispensável a compreensão das lutas como conteúdos que compõem o acervo da cultura corporal nas aulas de Educação Física escolar (RUFINO; DARIDO, 2011). Sobrelevando, dessa forma, aspectos de sua historicidade, sentidos e significados culturais e elementos que dialogam com o cotidiano dos sujeitos educandos.

No que se diz respeito a aspectos histórico das lutas, ainda tido como uma incógnita, sua origem, uma vez que os mestres ensinavam seus conhecimentos de forma oral, portanto, existem poucos registros documentais que comprovem os seus primórdios. De todo modo,

presume-se que as lutas estejam presentes na humanidade desde os seus primórdios, quando o objetivo principal do homem era a sobrevivência e a conquista de territórios (FERREIRA, 2005). De acordo com Lançanova (2006, p. 11):

As lutas fazem parte da cultura corporal do movimento humano. Sempre fizeram parte do homem. Dentro de toda ação de defesa, contra uma fera ou um inimigo, ou de ataque como a caça ou combate da guerra, usando o corpo ou armas, está presente a luta, de forma organizada como as modalidades conhecidas, ou instintiva, e manada de necessidade do ser humano em proteger seu próprio corpo.

Além disso, Alves Jr. (2001), relata que o itinerário das lutas até chegarem ao âmbito desportivo como conhecemos na contemporaneidade, se confunde com a própria evolução da humanidade, sobretudo, no que se diz respeito ao processo civilizatório. Destacamos, ainda, que na continuidade desse percurso histórico, as mídias detêm um importante papel na divulgação das diversas modalidades no mundo, ressaltando de maneira significativa os gestos técnicos.

### **3.1 As lutas no contexto escolar**

As lutas enquanto práticas corporais possuem múltiplas manifestações, e um percurso histórico que dá valor e importância para a sua existência, não devendo ser categorizada apenas como esporte moderno. Ademais, possuem características distintas que dependem do contexto que se originaram ou estão inseridas (RUFINO; DARIDO, 2011).

No entanto, atualmente algumas lutas estão perdendo a historicidade e essência cultural de suas origens, por serem trabalhadas privilegiando apenas a parte técnica, visando prioritariamente o rendimento financeiro proporcionado pela luta institucionalizada. Este fenômeno pode ser observado com a capoeira, luta legitimamente originária do Brasil que possui uma vasta riqueza de movimentos, símbolo da resistência do povo negro no tempo da escravidão, e que, aparentemente, tem sua parte histórica deixada de lado ao passo que vem sendo amplamente difundida e valorizada de maneira esportivizada, dando ênfase apenas aos gestos técnicos da luta, desprestigiando o alto valor pedagógico que a manifestação possui (BRANDÃO, 2017). De acordo com o Coletivo de Autores (1992, p. 53):

A Educação Física brasileira precisa, assim, resgatar a capoeira enquanto manifestação cultural, ou seja, trabalhar com a sua historicidade, não desencarná-la do movimento cultural e político que a gerou. Esse alerta vale nos meios da Educação Física, inclusive para o judô que foi, entre nós, totalmente despojado de seus significados culturais, recebendo um tratamento exclusivamente técnico.

Portanto, para o ensino das lutas na escola, o professor precisa empregar o ensino de técnicas de algumas lutas com caráter formativo integral, pensando no desenvolvimento motor,

mas também socioafetivo dos praticantes. Em acréscimo, Nascimento e Almeida (2008, p. 93) compreendem que o trato pedagógico do componente lutas na Educação Física escolar deva comportar, necessariamente, aspectos da autonomia, criticidade, emancipação e a construção de conhecimentos significativos.

Conforme a Base Nacional Comum Curricular (BNCC/BRASIL, 2018, p. 229) dentro da unidade temática das lutas deve-se proporcionar às crianças do 3º ao 5º ano do ensino fundamental a experiência e recriação de diferentes lutas presentes no contexto comunitário e regional, como por exemplo, as lutas de matriz indígena e africana. Desta forma, pode-se utilizar as lutas como ferramenta pedagógica não só para o desenvolvimento do respeito pelo colega oponente, mas também para o conhecimento das características gerais das lutas e suas diferenças perante as demais práticas corporais.

Além disso, conforme verificado por Rufino e Darido (2013), o conteúdo das lutas vem sendo pouco aproveitado por grande parte dos profissionais de Educação Física. Segundo Carreiro (2005) isso se dá por diversos motivos, dentre eles, destacam-se o sentimento de despreparo de alguns professores para ministrar as aulas, a carência de espaço adequado, a inexistência de materiais específicos e principalmente por receio do conteúdo incitar a violência.

De acordo com Santos (2012, p. 27):

A inserção dos Jogos de Oposição na escola pública deve ser entendida como a de um importante conteúdo pedagógico para auxiliar na formação da criança, do adolescente e dos jovens. Enfim, seu intuito é contribuir para a formação integral do indivíduo, abordando a temática do contato corporal com uma forma de comunicação social, historicamente construída e acumulada pela humanidade.

Diante do exposto acerca dos jogos de oposição como meio pedagógico para proporcionar às crianças o ensino das lutas, entendemos essa estratégia metodológica como uma possibilidade a ser considerada em nossas intervenções, visando o desenvolvimento integral dos sujeitos.

### **3.2 Violência e práticas corporais na infância**

Como já foi dito anteriormente, a violência está presente nas mais diversas sociedades, e o ambiente escolar tem sido afetado de maneira significativa por essa problemática. Nesse sentido, a violência acaba por compor o imaginário infantil, sendo incorporada na cultura lúdica das crianças, como as brincadeiras de luta. Brincadeiras dessa natureza, além de serem comuns no ambiente escolar, promovem compreensões dúbias a quem observa, sobretudo nos adultos,

pois em alguns momentos torna-se difícil distinguir o que seria uma briga e o que seria brincadeira (FARIAS; WIGGERS; ALMEIDA, 2019).

Farias e Wiggers (2015) pontuam o binômio lúdico/violência como perspectivas que pairam o imaginário infantil e, a partir das interações entre crianças no cotidiano, atribuem sentidos ao brincar e ao brigar. As perspectivas que estimulam a fantasia e nutrem a composição das brincadeiras de “lutinha”, sofrem influência de aspectos cotidianos que as crianças fazem parte, dentre os quais, as mídias, as relações de gênero e própria violência das comunidades.

Na esteira dessa discussão, Smith (2010) expõe que uma porcentagem considerável de crianças (entre 58 e 70%) brinca de lutas nos intervalos escolares, sendo que mais da metade delas gosta deste tipo de atividade, e mais de 75% afirmam ser capazes de diferenciar a prática de lutas de forma lúdica/amigável de uma briga.

Nesse sentido Gomes *et al.*, (2013) apontam que:

Ao conhecer as lutas em diversos aspectos (políticos, econômicos, sociais, históricos, estéticos, fisiológicos etc.), os alunos poderão se apropriar de elementos que contribuirão com a construção crítica de conhecimentos, valores, atitudes, fatos e procedimentos que auxiliarão na ampliação de suas visões de mundo. No caso das lutas, é possível além de vivenciar diversas práticas corporais, compreender o enfoque apontado pelas mídias, diferenciando-as dos contextos violentos, possibilitando a tomada de decisões sobre opções mais conscientes para sua vida cotidiana, entendendo estas práticas corporais como possibilidades de lazer, saúde, rendimento, comunicação, expressão corporal, entre outras.

Além disso, Rufino e Darido (2011) indicam que, ao trabalhar jogos e brincadeiras que tenham fundamentos das lutas em sua composição, é possível auxiliar na aprendizagem e no controle das relações violentas do grupo social ao qual estejam inseridas. Assim, percebe-se que as lutas podem ser utilizadas com crianças desde as séries iniciais, podendo proporcionar de maneira precoce a distinção entre luta e briga através da compreensão do verdadeiro sentido por trás destas práticas corporais.



#### **4 DELINEAMENTOS METODOLÓGICOS**

Este estudo se constitui como uma pesquisa de campo, de caráter interventivo, sistematizado em duas etapas: a primeira corresponde ao mapeamento de compreensões introdutórias das crianças em relação as lutas por meio de uma roda de conversa e da produção de desenhos temáticos; a segunda trata-se de um bloco intervenções pedagógicas com o conteúdo lutas, realizados entre os meses setembro e outubro do ano de 2019, na escola.

Em relação a primeira etapa do estudo, cujo objetivo foi mapear o entendimento sobre lutas que as crianças possuíam, realizamos uma roda de conversa com o tema "o que eu entendo por luta", posteriormente foi proposto que todos produzissem um desenho que ilustrasse suas compreensões. Na ocasião, as crianças ficaram eufóricas, houve momentos em que todos quiseram falar ao mesmo tempo, uma infinidade de pontos de vistas foram surgindo a medida em que cada criança apresentava sua definição e entendimento das lutas. Durante a produção dos desenhos percebemos que algumas crianças conversavam consigo mesma em voz alta, explicando o que estava a desenhar.

Após isso, já em relação as intervenções pedagógicas, estas foram realizadas a partir de um bloco de 6 aulas, tendo como conteúdo principal os jogos de oposição. Para o seu desenvolvimento foi elaborado um plano de intervenção em conformidade com o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, que norteou toda a execução das aulas que tiveram uma problemática de estudo a ser resolvida no transcorrer da pesquisa. As aulas ministradas foram sempre dinâmicas e em algumas utilizou-se de recursos como vídeos, slides e textos planejados previamente para abordagem do tema.

O interesse pelo desenvolvimento desse conteúdo surgiu na fase de observação, a partir das primeiras imersões realizadas na escola, em sala de aula, corredores, pátio etc. Durante as aulas de Educação Física notou-se que as crianças pareciam ser agressivas e violentas entre si, com isso definiu-se a problemática que viria a compor nosso problema de pesquisa.

A abordagem desse tema como forma de intervenção se tornou muito importante, uma vez que a violência está presente na região em que as crianças residem e a escola se localiza. Para subsidiar a plena ressignificação dos conceitos de lutas ora apresentados pelos sujeitos e que eles possam levar isso para a sua vida fora do ambiente escolar recorreremos a uma abordagem crítica de educação física.

Com o auxílio dessa abordagem nas aulas viabilizamos as ferramentas necessárias para os alunos assimilassem de forma sensível os aspectos do cotidiano que cercam a cultura

corporal. A partir do resgate histórico e das vivências, propiciamos uma contextualização das lutas com temas atuais, contestando o senso comum, nos levando a um objetivo final de superação de uma realidade desfavorável socialmente para os envolvidos desse contexto social.

Pensando nisso todas as aulas ministradas tiveram incentivos e metodologias que favorecessem o conhecimento dos mais diversos aspectos relacionados à prática das lutas, nesse sentido, o tema foi trabalhado na escola abrangendo as três dimensões de conteúdo indicada pelos PCN's (1997), conceitual, procedimental e atitudinal.

Ressaltamos que no decorrer de todo percurso no campo, buscamos respeitar as prerrogativas éticas de pesquisa, desde a abordagem na produção dos desenhos até as intervenções. Outrossim, para preservar a identidade das crianças que participaram do estudo utilizamos nomes fictícios de famosos lutadores de Artes Marciais Mistas (MMA) brasileiros.

Desse modo, todas as informações produzidas em campo, com os sujeitos, foram analisadas, de forma qualitativa, procurando a triangulação de informações entre os pontos de vista dos sujeitos, do pesquisador e da literatura. Como aporte teórico foram considerados estudos concernentes à temática, tanto no âmbito da Educação Física, quanto de outras áreas, que dispõem de diálogo direto com a Sociologia da Infância.

#### **4.1 Características gerais do campo e dos sujeitos de pesquisa**

A instituição em que se desenvolveu este estudo, como já foi mencionado, é uma escola em tempo integral, que se localiza na Avenida Valentin Aguiar, Entroncamento, Porto Franco – MA. Surgiu de ideias do professor Pedro Demo, que foi o mentor intelectual da proposta da primeira escola de tempo integral do sul do Maranhão e a segunda do estado. As atividades educacionais foram iniciadas em março de 2010, com turmas do 1º ao 5º ano, e um total de aproximadamente 150 crianças. Por estar situada em área de vulnerabilidade social, a escola tem como propósito atender à população mais carente do bairro e do seu entorno, oportunizando aos alunos uma melhor qualidade na aprendizagem a partir da ampliação da jornada do tempo de estudo.

Atualmente a escola atende, em média 170 alunos, do 1º ao 5º ano de ensino Fundamental que estão distribuídos em 8 turmas, todas funcionando em tempo integral, com 9 horas de atividades ininterruptas incluindo o horário de almoço. Os planejamentos ocorrem em rede no início do ano letivo e a cada semestre são reajustados de acordo com a necessidade. Além disso, os professores são comprometidos com o processo de aprendizagem das crianças

e com as normas vigentes na escola e possuem metodologias dinâmicas que visam favorecer o bom andamento do processo de ensino aprendizagem.

Durante todo o decorrer do ano letivo a escola desenvolve diversos projetos em parcerias firmadas com os pais dos alunos, a escola conta ainda com programas como Mais Alfabetização, Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE) e Saúde na Escola que fortalecem e patrocinam uma educação de excelência.

Outrossim, a turma definida para a realização das aulas foi a turma de 4º ano do ensino fundamental que possui 27 alunos (15 meninos e 12 meninas), com faixa etária entre 9 e 10 anos, de uma Escola de Tempo Integral do Município Porto Franco – MA. A turma é gerida por uma professora, que conta com o auxílio de um professor de Educação Física, 2 vezes por semana.

A escolha da escola se deu pelo fato de ser uma instituição de tempo integral, que tem uma jornada ampliada com as crianças, logo, proporciona um tempo maior de interações entre pares. Já a opção pela turma de 4º ano ocorreu em virtude de as crianças estarem em um momento intermediário dentro da primeira etapa do ensino fundamental, não se caracterizando como “tão pequenas” e nem como “tão grandes”, o que facilitou na composição das intervenções.

No que se diz respeito as características gerais das crianças são muito participativas nas aulas, curiosas e agitadas, a maioria são carentes e por esse motivo estudam na Escola de Tempo Integral, onde podem se alimentar melhor, uma vez que passam o dia inteiro na instituição.

## 5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

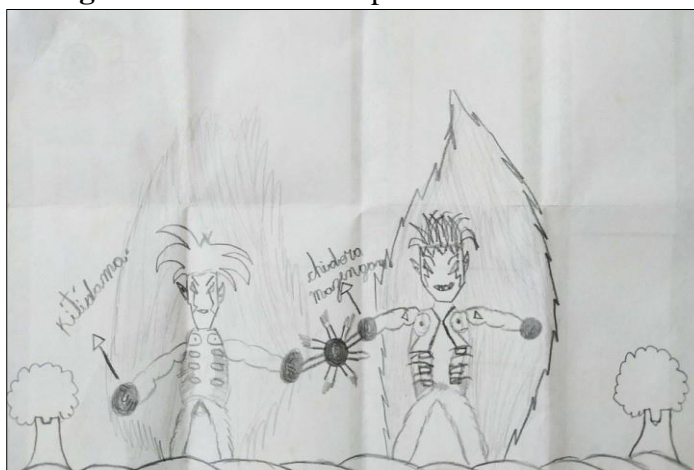
### 5.1 Sobre a compreensão das crianças acerca das lutas

Baseado nas respostas da questão “o que eu entendo por luta?”, propostas as crianças em uma roda de conversas realizada no dia 13/09/2019, na primeira visita à escola, e na produção do desenho, ocorrido no dia 20/09/2019 sob a mesma temática da conversa, pudemos identificar que as crianças relacionavam as formas de lutas com práticas de violência. Adicionalmente, nenhuma criança associou a prática de lutas com outras ações coletivas de cunho social.

A roda de conversa apresentou diversas perspectivas das crianças. Dentre os aspectos que podemos destacar nos registros, citamos a violência doméstica, na comunidade, condutas agressivas na escola e as brincadeiras de lutinha. Percebendo a pulverização dos assuntos em suas falas da roda de conversa, propomos a produção dos desenhos no encontro seguinte, e com eles conseguimos dispor de uma visão mais aproximada do entendimento particular das crianças acerca das lutas e, de maneira especial, notamos o potencial de interferência que as mídias exercem no público infantil.

Em relação aos desenhos, o realizado por “Wanderlei Silva” (10 anos), representado na Figura 1, corresponde, a partir dos relatos do autor: “[...] imaginei uma luta entre dois personagens mais fortes que existem, *Goku de Dragon Ball com o poder da genki dama e o Naruto com chidori e rasengan*” (DIÁRIO DE CAMPO, 20/09/2019).

**Figura 1:** Desenho feito por “Wanderlei Silva”



Fonte: registros de campo.

*Genki dama* é uma forma de ataque no desenho animado *Dragon Ball*, considerado o ataque mais poderoso da série. *Chidori* e *Rasengan* também são técnicas poderosíssimas

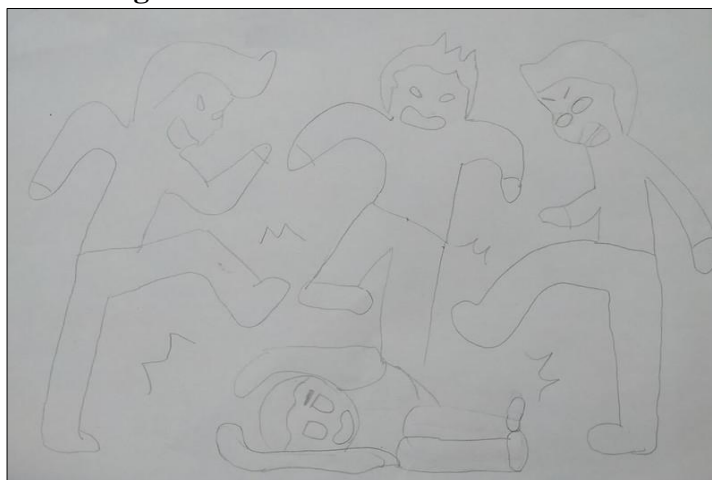
observadas no desenho *Naruto*. Sendo assim, com base no observado, pudemos perceber claramente a interferência das mídias, onde o sujeito apropria-se do conteúdo apresentado na televisão para demonstrar através do desenho o seu entendimento sobre as lutas (FARIAS; WIGGERS, 2015).

A melhor maneira de compreender esse processo é considerar que desde os primeiros anos de vida as crianças já estão em contato com o conteúdo exibido na televisão. De acordo com Nogueira e Cardoso (2007), do momento do nascimento até os dois anos de idade, a criança é atraída por ações que utilizam, por exemplo, personagens de desenhos animados com cores chamativas em seus comerciais. Já dos três aos sete anos de idade, a televisão prende sua atenção usando os desenhos de luta, programas direcionados à sua faixa etária, bem como apresentadores de idade próxima.

Buckingham (2000) considera que a infância contemporânea está em larga medida, definida pela mídia moderna, presente na TV, nos jogos de computador, na internet e na telefonia móvel. A presença das mídias, neste contexto, não promove mudanças só nas brincadeiras, mas na própria criança que brinca.

Segundo “Anderson Silva” (10 anos), autor do desenho abaixo (Figura 2), as lutas se parecem com as brigas de rua que ele já presenciou no bairro onde mora. Conforme o garoto: *“Professor, no meu bairro eu vi uma vez três caras lutando contra um rapaz, ele caiu no chão e apanhou muito, outra vez eu vi a polícia lutando contra uns bandidos também”*. (DIÁRIO DE CAMPO 20/09/2019).

**Figura 2:** Desenho de “Anderson Silva”



Fonte: registros de campo

A partir do desenho e depoimento da criança é possível evidenciar que o autor faz associação das lutas com o contexto violento do lugar em que mora, relatando conflitos entre facções e até mesmo ações da polícia no combate à criminalidade (FARIAS; WIGGERS, 2015).

É importante ressaltar que o bairro onde a escola está localizada e onde a maioria dos alunos moram é marcado pelas mais diversas situações de violência e, na maioria das vezes, possuem ligação à presença do tráfico de drogas.

Após “Anderson Silva” comentar o que viu em seu bairro e descrever os atos violentos que já presenciou, outras crianças foram citando situações semelhantes às relatadas pelo colega. Quando questionados se tinham medo ou se queriam morar em outro lugar, as crianças afirmaram que gostam do bairro e que não precisam ter medo, já que nada de mal lhes acontece pois não são envolvidos com coisas erradas, dando indicativos de que quem sofre com a violência são apenas os sujeitos envolvidos com atividades marginais naquele bairro.

Outra produção foi a de “Rodrigo Minotauro” (10 anos), que fez um desenho (figura 3) onde exhibe um grupo de crianças aparentemente trocando socos. Segundo o autor: *"a gente brinca de lutinha no intervalo professor, cada um de nós é alguém de um desenho, eu gosto de ser o Wolverine do X-Men, a gente não se machuca de verdade, é só de brincadeira"*. (DIÁRIO DE CAMPO, 20/09/2019).

**FIGURA 3:** Desenho de “Rodrigo Minotauro”



Fonte: registros de campo.

Na fala de “Minotauro”, ele evidencia que, em sua concepção, as lutas são como nas brincadeiras de “lutinha”, onde cada criança em seu imaginário se torna um personagem de desenho ou filme e, a partir de então, trocam golpes fictícios como chutes, socos, empurrões e agarre, travando batalhas entre heróis e vilões de maneira lúdica.

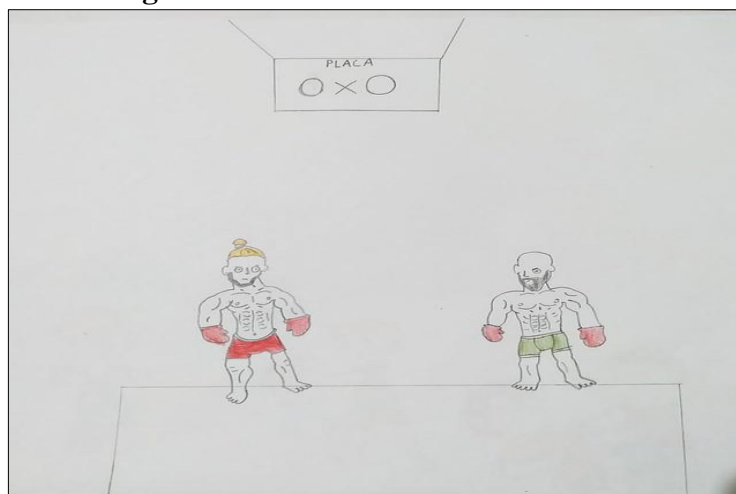
Conforme verificado por Wiggers (2005, p. 74) há duas formas de brincadeira de “lutinha” por ela observada as quais “[...] A primeira, de contato corporal, consiste em meninos

rolando no chão, empurrando-se, dando rasteira e às vezes até chutes e socos. As crianças costumam não se machucar nessas brincadeiras porque logo chega um adulto para “atrapalhar”. A segunda forma é a que mais se assemelha ao diálogo de Minotauro, nela tem-se a luta como objeto de dramatização teatral ou as brincadeiras de faz de conta, onde não há o contato corporal ou se existe há um grande controle dos movimentos para que ninguém se machuque. Nessa última, geralmente, a criança recorre ao imaginário, caracterizando os sons e gestos, ao mesmo tempo em que fazem a narração do que está acontecendo durante a luta.

As brincadeiras de “lutinha” citadas por Rodrigo Minotauro fazem parte do universo das práticas corporais infantis, onde as crianças criam e encenam suas próprias histórias, se apropriando do real sentido e significado que a brincadeira proporciona a partir dos movimentos e ações decorrentes de sua imaginação.

Em seu desenho (Figura 4), “Jéssica Andrade” (10 anos), representa uma luta institucionalizada em que aparentemente dois homens estão em um ringue. De acordo com a garota: *“eu conheço as lutas porque vejo meu pai lutando jiu-jitsu na academia, eu assisto é muito o MMA junto com o meu pai, tio no MMA é uma mistura de vários tipos de lutas”* (DIÁRIO DE CAMPO 20/09/2019).

**Figura 4:** Desenho de “Jéssica Andrade”



Fonte: registros de campo.

A partir da fala da criança podemos observar outra vez o potencial das mídias ao inserir o MMA no cotidiano das crianças e dos jovens. A ampla divulgação das lutas de MMA, seja por parte de academias de luta, TV ou pela internet, tem aproximado cada vez mais as crianças dessa manifestação da cultura corporal. Essa intensa massificação abre um espaço para debate e reflexão no ambiente escolar, tornando-se necessário discutir junto com as crianças a relação dessa modalidade com a violência nas aulas de Educação Física escolar.

Conforme o exposto percebe-se que as crianças tendem a relacionar as lutas com o contexto social em que estão inseridas. Além disso nota-se uma interferência das mídias na representação que as crianças fazem sobre as lutas onde elas se apropriam dos conteúdos exibidos na TV para contextualizar suas brincadeiras (FARIAS; WIGGERS; ALMEIDA, 2015). Outrossim, os desenhos trouxeram muitas respostas ao problema da pesquisa, que teve como propósito inicial buscar o entendimento das crianças acerca das lutas e mapear o que acontecia nos corredores da escola, onde notou-se que algumas crianças da turma de 4º ano do fundamental 1 pareciam ser agressivas e ou violentas, essas ações até então eram incompreendidas. Em linhas gerais, as conversas e os desenhos produzidos com as crianças, viabilizou uma melhor interação entre pesquisador-pesquisado, que possibilitou a produção de registros valiosos em campo e de suas concepções sobre as lutas.

## **5.2 Sobre as intervenções com os jogos de oposição**

Após a roda de conversa e a produção dos desenhos com as crianças, planejamos as intervenções pedagógicas com o conteúdo lutas. Para isso, projetamos um bloco com 6 aulas, cujo objetivo da intervenção buscou ressignificar as concepções ora apresentadas pelos sujeitos. Conforme assinalado anteriormente, os jogos de oposição foram trabalhados na escola segundo as três dimensões dos conteúdos propostas por Coll *et al.*, (2000): conceitual, atitudinal e procedimental.

Na dimensão conceitual, propomos que as crianças se apropriassem dos elementos que constituem as lutas, como o histórico, os rituais, as principais regras, permitindo que aprofundassem seus conhecimentos acerca dessas manifestações. Há de se considerar que, muitas vezes, as compreensões sobre lutas, advindas do senso comum, são superficiais e carregam grande “dose” de preconceito, atribuindo-lhes o imaginário de práticas violentas.

Já na dimensão procedimental, foi dada ênfase aos jogos de oposição possíveis de serem realizados em aula. Nessa dimensão, o objetivo foi incorporar aos jogos de lutas, a criação de novas regras propostas pelas próprias crianças, as quais puderam definir o nome, o modo de jogar, objetivo, proibições e estratégias.

Na dimensão atitudinal problematizamos, no decorrer do desenvolvimento dos jogos criados ou adaptados pelas crianças, a intenção de prevenir atitudes de deslealdade por meio das proibições contidas em seus jogos, assim como demonstrações de respeito, ética e inibição de atos violentos. Ainda nesse sentido, conforme indica os PCN's (1997), objetivamos



desenvolver nas crianças durante a prática dos jogos de lutas atitudes de solidariedade e dignidade, destacando os valores da prática, onde quem vence sabe respeitar o oponente derrotado, e, quem é derrotado sabe reconhecer a vitória do rival sem se sentir diminuído.

Conforme nos assegura os PCN`s:

É fundamental também que se faça uma clara distinção entre os objetivos da Educação Física escolar e os objetivos do esporte, da dança, da ginástica e da luta profissionais, pois, embora seja uma referência, o profissionalismo não pode ser a meta almejada pela escola. A Educação Física escolar deve dar oportunidades a todos os alunos para que desenvolvam suas potencialidades, de forma democrática e não seletiva, visando seu aprimoramento como seres humanos (BRASIL, 1997, p. 24).

Seguindo essa premissa, o bloco de 6 intervenções foi trabalhado buscando o desenvolvimento de todas as crianças em suas reais capacidades e sempre respeitando suas limitações. Buscando, assim, ao máximo a participação e interação de todos e não a seleção de potenciais lutadores profissionais. Para andamento das intervenções, realizamos, previamente, o planejamento de um cronograma dos conteúdos e habilidades a serem desenvolvidas conforme o Quadro 1.

**Quadro 1:** Bloco de aulas com jogos de oposição

<b>História e características das lutas</b>			
<b>Semana</b>	<b>Aula</b>	<b>Conhecimentos/Habilidades/Atitudes</b>	<b>Conteúdos/Atividades</b>
<b>1</b>	1	Características de lutar. Diferenciando lutas de brigas, As lutas de demonstração;	Seguindo os movimentos do professor; Imitando os animais;
<b>2</b>	2	Compreendendo as características de lutar; Jogos de lutas;	Pega-pega das lutas; Prendedores em grupo; Luta das bexigas; Lutando por território
<b>3</b>	3	Compreendendo as características de lutar; Jogos de lutas;	Jogo de imobilizar; Jogo de conquistar território; Pé com pé;
<b>4</b>	4	Jogos de lutas de longa distância; ações de média distância - toque no outro;	Lutando pelo bastão; Tirando a fita do outro; Pega-pega com espadas; Lutando com espadas em duplas;
<b>5</b>	5	Jogos de lutas de média distância; ações de curta distância – agarre no outro;	Garrafa no chão; Kabaddi; Jogos de desequilibrar;
<b>6</b>	6	Jogos de lutas de curta distância; ações de curta distância – agarre no outro;	Brincando de sumô; A bola é minha; Amigo do peito;

Fonte: registros de campo.

O propósito dessas aulas foi proporcionar vivências com as lutas, viabilizando as crianças o conhecimento do próprio corpo, do corpo de seus pares, bem como das regras existentes para que a prática se tornasse segura para todos. Em consonância ao cronograma aludido acima priorizou-se que fossem trabalhados inicialmente os aspectos de organização das lutas.

Ademais, para ensinar as características das lutas, utilizamos os jogos de oposição como ferramenta pedagógica. Através da vivência por meio dos jogos as crianças puderam aprender sobre a história, valor cultural, gestos técnicos e benefícios que as lutas podem proporcionar. Além disso conforme Câmara e Duarte (2013) os jogos possibilitam uma prática mais suave às crianças, uma vez que as regras são mais flexíveis e não dependem de materiais e espaços específicos.

Nesse caso, a luta foi abordada como um meio e não como um fim, ou seja, não lhes foi ensinado nenhum tipo específico de luta, e sim os jogos como estratégia para alcançar os objetivos da Educação Física escolar, buscando uma formação integral dos sujeitos (CORSINO, 2013).

Em concordância com Leite *et al.*, (2012) a meta foi trabalhar nas crianças a percepção do ato de lutar e, além disso houve um enfoque relacionado à parte da disciplina que existe por trás das lutas, sempre lançando perguntas problematizadoras, levando a criança a refletir sobre a tomada de decisões, com questões como: "por que lutar?", "com quem lutar?", "devo lutar?", sempre trazendo à tona os pontos de ligação que associam as lutas às práticas de violência.

A partir disso, as crianças passaram a se envolver mais nas aulas, deixando de ser apenas meros receptores de informação, passando a ter papel protagonista a medida em que expressavam suas dúvidas opiniões e sentimentos. A linha de ensino mecanizado onde o professor fica só explicando e o aluno ouvindo foi totalmente abolida durante as 6 aulas de lutas.

Logo no primeiro encontro do bloco, enquanto o professor fazia uma explanação geral sobre a história das lutas, da ligação com as práticas de sobrevivência e da modificação que foi sofrendo até se tornar as modalidades que conhecemos hoje, ocorreu uma manifestação contrária ao desenvolvimento do conteúdo lutas por parte de um aluno novato da turma. O garoto interpelou a explicação, com a pergunta: "*cadê a bola, professor?*", revelando seu descontentamento com a ausência do jogo de futebol na aula. Após receber a resposta que a aula seria com outro conteúdo, o mesmo se virou com um olhar vibrante e realizou outro

questionamento: "*então vamos aprender a brigar, tio?*", dessa vez tendo como resposta que naquele momento aprenderiam a diferenciar as lutas das brigas.

Com base no descrito acima, a aula teve como foco principal explicitar a diferença das lutas com relação às brigas, deixando claro as crianças que as lutas apresentam um conjunto de regras que configura uma prática organizada e saudável, ao passo que as brigas vão de encontro a tais pressupostos, haja vista que são marcadas por ações violentas, desrespeitosas e geralmente provenientes de conflitos.

No segundo encontro, durante o desenvolvimento da atividade "lutando por território", que teve como objetivo fazer com que os sujeitos se mantivessem dentro de um círculo ou que empurrassem o oponente para fora dele para que fossem reconhecidos como vencedores da luta, um fato ganhou destaque. Na cena, um dos meninos se recusou a ser oponente de uma menina, alegando que ela era fraca e que garotas deveriam participar de brincadeiras de elástico, pois "*luta é coisa de homem*".

A partir do ocorrido, propomos uma pequena discussão com as crianças, com o objetivo de evitar novas ações preconceituosas como a descrita anteriormente, nas aulas posteriores. Por meio desse diálogo, elas entenderam que as lutas podem ser práticas por ambos os sexos e, a partir de nossa intervenção, o menino aceitou participar do jogo de luta com a menina.

Esse momento foi oportuno para discutir junto com as crianças a importância da tolerância e do respeito, sobretudo ao oponente derrotado e comprovar que meninos e meninas podem sim praticar juntos as atividades de lutas, quebrando certos paradigmas sociais.

Segundo Rufino (2017, p. 43):

A questão de gênero é um dos princípios que requer maior atenção dos professores ao ensinar as lutas. Devemos nos esforçar para modificar a ideia, culturalmente construída, de que meninas não podem lutar. É claro que isso não é uma tarefa fácil e vai requerer diferentes estratégias, como a coeducação, na qual os alunos trabalham juntos em pares de ensino e aprendizagem, ou seja, meninos e meninas vivenciando as lutas juntos. [...] é fundamental que alunos e alunas lutem também juntos e discutam a importância de se viver juntos em sociedade.

Ainda nesse sentido nos Parâmetros Nacionais Curriculares (PCNs) (1997, p. 25) diz que:

No que tange à questão do gênero, as aulas mistas de Educação Física podem dar oportunidade para que meninos e meninas se descubram e possam aprender a ser tolerantes, a não discriminar e a compreender as diferenças, de forma a não reproduzir estereotipadamente relações sociais autoritárias.

Dando continuidade a sequência das aulas, o terceiro encontro foi destinado para a vivência de mais jogos de oposição, de forma que as crianças se mobilizassem mais ainda na compreensão dos objetivos que cercam esse tipo de atividade. A sensibilização ocorrida, por

meio dos jogos, notoriamente, foi amadurecendo as leituras das crianças em relação aos limites corporais nas práticas de combate, conforme o exposto na figura 5, a seguir:

**Figura 5:** Jogo de oposição – pé com pé



Fonte: registros de campo.

Após as primeiras aulas, percebendo o engajamento das crianças nas atividades, proporcionamos vivências mais específicas, evidenciando traços mais particulares de lutas previstas na classificação proposta por Gomes (2008), conforme podemos observar no quadro 2, prevendo as manifestações em ações de curta, média e longa distância. Para uma melhor dinâmica e segurança durante as atividades priorizamos o início com as ações de longa distância, por ter em seu desenvolvimento menos contato corpo a corpo. À medida que as crianças foram se apropriando do controle gestual, avançamos para as ações de média e curta distância, respectivamente. Destacamos, ainda, que Rufino e Darido (2015) acreditam que a distância entre os praticantes é um fator central nas lutas, ou seja, a proximidade entre os oponentes é o que vai diferenciar quais ações deverão ser tomadas durante uma luta.

Gomes (2008) classifica essas ações por distância conforme quadro 2.

**Quadro 2:** Classificação das ações nas lutas conforme a distância

<b>Curta Distância</b>	<b>Média Distância</b>	<b>Longa Distância</b>
Desequilibrar Rolar Projetar Cair Controlar	Tocar Golpear (Mãos, braços, cotovelos, pernas, joelhos, pés, etc.)	Tocar (intermediado por implementos) Manipular (implemento)

Fonte: Gomes (2008).

Assim sendo, as ações de curta distância se caracterizam pelo contato físico direto e pela menor distância entre os praticantes. As ações de média distância empreendem um espaço médio, ou moderado entre os envolvidos e a menor aproximação ocorre em situações de ataque entre os oponentes. Já as ações de longa distância são definidas pela presença de um

implemento, e dessa forma o contato entre os praticantes ocorre apenas pela manipulação desse implemento, a exemplo deste temos a esgrima.

A partir disso, na quarta aula propiciamos aos alunos a vivência de conteúdos que apresentassem em sua prática ações de média e longa distância, onde enfatizamos aspectos históricos da esgrima, como manipular o implemento, bem como o desenvolvimento de alguns gestos e movimentos dessa modalidade por meio de jogos.

Já no quinto encontro abordamos as ações de média e curta distância, dando ênfase ao kabaddi como conteúdo que propicia em seu desenvolvimento ações de contato coletivas. Aqui privilegiamos ações de toque nos braços e pernas e atos que proporcionem o agarre, queda ou que provoquem o desequilíbrio do oponente.

Na sexta e última intervenção o foco foi em ações de curta distância, onde utilizamos os jogos: brincando de sumô; a bola é minha e amigo do peito. Assim sendo, após uma vivência inicial com nossa interposição demos liberdade para as crianças proporem e realizarem adaptações nesses jogos, onde puderam criar regras diferentes, definir novas proibições e escolher estratégias variadas para o desenvolvimento das atividades.

Em linhas gerais, algumas mudanças nas concepções das crianças começaram a ser percebidas a partir de suas falas durante a vivência das 3 últimas aulas com os jogos de oposição. As ações ainda receosas e, por vezes, exageradas no uso da força das crianças, presentes no desenvolvimento das atividades das primeiras aulas, foram dando espaço para uma postura mais controlada, focada e cuidadosa, tanto em relação ao conteúdo previsto, quanto pelo colega que naquele momento era seu oponente.

Tais considerações puderam ser identificadas na fala de “Amanda Nunes”: *“eu pensava que lutar era mais relacionado a machucar outra pessoa ou a se defender de alguém agressivo pra sobreviver, mas nessas lutas do senhor a gente faz é se divertir* (DIÁRIO DE CAMPO, 04/10/2019).

Percebe-se, a partir da fala da criança, que alguns conceitos começam a ser redefinidos, e o ato de lutar, que antes por elas era associado à agressividade, tomou nova forma a partir das vivências de lutas. O trecho de Amanda evidencia, ainda, um outro componente que transversalizou toda a proposta pedagógica, sendo ele o lúdico. Ao citar, *“essas lutas do senhor”*, atribui ao conteúdo, uma distinção daquilo que ela compreendia outrora, em que a atmosfera lúdica, proporcionara um olhar mais sensível das lutas ao universo infantil.

Na esteira dessa discussão, “Vítor Belfort”, também expôs que as lutas seriam diferentes do que ele imaginava antes de participar das vivências na escola. o garoto comentou: *“Eu não*

*sabia que tinha tantas regras por trás de uma luta, agora ficou mais claro professor”* (DIÁRIO DE CAMPO, 04/10/2019). Isso nos leva a crer que a falta de conhecimentos sobre as lutas é um fator que impulsiona o preconceito com essas práticas corporais. Ademais, o desconhecimento que leva as pessoas a crerem que o praticante de lutas é agressivo e que as lutas são sinônimo de violência.

Sublinhamos, ainda, que ao longo das 6 aulas buscamos ter atenção com relação à segurança na hora do ensino das lutas, tomando as devidas precauções na escolha dos materiais, atividades e espaços para a prática. Para fins de registro, nenhum acidente ocorreu durante as intervenções. Além disso, vale ressaltar que desde o início sempre foi preconizado o controle dos movimentos aos sujeitos, evitando gestos impulsivos que pudessem causar danos à alguma criança.

Com relação ao comportamento aparentemente violento/agressivo das crianças previamente observado nos corredores da escola, constatou-se que os mesmos se tratavam apenas de “brincadeiras de lutinha”. Nesse sentido Farias *et al.*, (2019, p. 10) apontam:

[...] o bater e o apanhar, o prazer e a dor, são expressões corporais que se confundem no universo das crianças em seu cotidiano escolar por meio de suas brincadeiras. O sentido atribuído pelas crianças, todavia, é bem distinto daquele dado pelo observador-adulto. Para as crianças, o que se faz presente é a atmosfera lúdica da brincadeira, enquanto para o adulto tais manifestações são sintomáticas da agressividade.

Para a avaliação do processo de ensino e aprendizagem das aulas foi proposto que as crianças fizessem uma autoavaliação no contexto das seis intervenções realizadas com os jogos de oposição, expondo de forma dialogada com a turma. Com base nessa autoavaliação, foi perceptível nos discursos, a apropriação dos conteúdos que foram ministrados, bem como a compreensão histórico-cultural das lutas, a sua incompatibilidade com atos de violência como as brigas, dentre outros aspectos.

Ainda sobre as intervenções, de maneira geral, percebemos um maior interesse por parte das meninas nas aulas de Educação Física, fato esse que não ocorria de forma plena no início da imersão em campo. Além disso, identificamos o potencial do conteúdo lutas na melhora do controle emocional, uma vez que, os estimulou a serem mais calmos e mais controlados quanto a condutas violentas.

Podemos enxergar, assim, que as estratégias utilizadas nas aulas foram além do ensino de técnicas e procedimentos, proporcionando em seu desenvolvimento reflexões e abordagens de valores essenciais para a construção de uma sociedade permeada por respeito e empatia.

Desse modo, constatamos que é possível trabalhar vários conteúdos de maneira transversal a partir do ensino das lutas, tendo como atrativo, os gestos técnicos das modalidades.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo compreender o ponto de vista de crianças do 4º ano do ensino fundamental de uma escola pública de tempo integral da cidade de Porto Franco – MA, acerca das lutas, a partir de suas produções culturais e de intervenções pedagógicas com os jogos de oposição.

Através dessa pesquisa, foi possível reconhecer que para um efetivo ensino das lutas no âmbito escolar, não se exige que o professor tenha graduação em alguma arte marcial ou experiência enquanto praticante de alguma modalidade como pré-requisito para ministrar o conteúdo. Uma formação que aproxime o acadêmico e contemple conhecimentos básicos acerca das lutas, pode possibilitar o ensino desse conteúdo na escola de forma segura e substancial.

Após o desenvolvimento das intervenções com os jogos de oposição as crianças demonstraram muito interesse pelas lutas e o professor de Educação Física da turma passou a utilizar de alguns conteúdos aplicados durante essa pesquisa em suas aulas, inclusive com outras turmas da escola.

A roda de conversa viabilizou uma melhor interação entre pesquisador e pesquisados, possibilitando o registro de compreensões valiosas sobre as lutas. Já os desenhos serviram de complemento para o pesquisador analisar a relação entre as lutas e a violência, ora apresentada pelas crianças. O bloco de intervenções pedagógicas, por sua vez, propiciou as crianças o melhor entendimento de alguns conceitos, que destoam das compreensões introdutórias.

Dada à importância do tema, torna-se necessário um melhor aproveitamento do conteúdo lutas na escola, uma vez que, segundo a literatura, vem sendo pouco explorado pelos professores de Educação Física escolar. Esse conteúdo pode estimular a promoção de competências e habilidades básicas nas crianças através da vivência dos jogos, tornando, assim, uma prática pedagógica diferenciada e eficaz.

Concluímos que o desenvolvimento do conteúdo lutas na escola configurou-se como um importante mediador na ressignificação dos conceitos ofertados pelas crianças, que antes tinham a luta como uma prática violenta, com base em conhecimentos advindos do cotidiano. A partir da vivência das lutas, em diferentes aspectos, tornou-se possível as crianças diferenciarem as práticas corporais representadas nas lutas, das situações de violência e agressividade dentro e fora da escola.



## REFERÊNCIAS

- ALVES JR ED. In: GUEDES OC(ORG) **Judô: evolução técnica e competição**. João Pessoa: Ed Idéia, 2001. p. 73-91.
- BRANDÃO, P. P. S. **Lutas no Currículo da Educação Física no ensino fundamental sob o olhar da Diversidade Cultural: experiências na Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará**. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Belém: Universidade Federal do Pará, 2017. 145 p.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física / Secretaria de Educação Fundamental**, Brasília, n. MEC/SEF, 1997. 96p.
- BUCKINGHAM, D. *After the Death of Childhood: Growing Up in the Age of*. **Cambridge**, Polity, 2000.
- CÂMARA, H. C.; DUARTE, S. DE L. (ORGS.). **A Pesquisa na Educação Física**. Mossoró: UERN, 2013.
- CARREIRO, E. A. Lutas. In: DARIDO, S. C.; RANGEL, I. **Educação física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. p. 244-261.
- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino da Educação Física. Coleção Magistério 2º grau – série formação do professor**. São Paulo: Cortez, 1992.
- COLL, C. ET AL. **Os conteúdos na reforma: ensino e aprendizagem de conceitos, procedimentos e atitudes**. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- CORSINO, L. N. A concepção de professores de Educação Física sobre o tratamento das lutas no ensino fundamental. **EFDesporte.com**, Buenos Aires, n. 181, Junho 2013.
- FARIAS, M. J. A.; WIGGERS, I. D. COTIDIANO E PRÁTICAS CORPORAIS INFANTIS: o lúdico e a violência em cena. **Motrivivência**, v. 27, n. 45, p. 58-73, setembro 2015.
- FARIAS, M. J. A.; WIGGERS, I. D.; ALMEIDA, D. M. F. D. Brincadeiras de luta e cultura infantil: análise de publicações em periódicos da Educação Física (2004-2013). **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 23, n. 3, p. 181-195, 2015.
- FARIAS, M. J. A.; WIGGERS, I. D.; ALMEIDA, D. M. F. D. “Não é briga, não. é só brincadeira de lutinha”: cotidiano e práticas corporais infantis. **Pensar a Prática**, v. 22, p. 13, 2019.
- FERREIRA, H. S. **AS LUTAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR - PARTE DO BLOCO DE CONTEÚDOS. NA PRÁTICA OU APENAS NO PAPEL? ENCONTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA DA UNIVERSIDADE DE FORTALEZA**. FORTALEZA-CE: Universidade de Fortaleza. 2005.
- GOMES, M. S. P. **Procedimentos pedagógicos para o ensino das lutas: contextos e possibilidades**. 119f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física. Campinas: Universidade Estadual de Campinas. 2008.

GOMES, N. C. et al. O conteúdo das lutas nas séries iniciais do ensino fundamental: possibilidades para a prática pedagógica da Educação Física escolar. **Motrivivência**, Florianópolis, n. 41, p. 305-320, Novembro 2013.

KRUG ET AL., E. World report on violence and health. **World Health Organization**, Geneva, 2002.

LANÇANOVA, J. E. D. S. **Lutas na Educação Física Escolar: Alternativas Pedagógicas**. 70 f. Monografia (Licenciatura em Educação Física) – Universidade da Região da Campanha. São Paulo:.. 2006.

LEITE, ET AL. A utilização das lutas enquanto conteúdo da Educação Física Escolar nas escolas Estaduais de Araguaína – TO. **Revista Científica ITPAC**, Araguaína, v. 5, n. 3, Julho 2012.

LUTA. In: Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. **MICHAELIS**, São Paulo: Editora Melhoramentos, 2021. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=luta>>. Acesso em: 10 Fev 2021.

MARTINS, M. J. D. O problema da violência escolar: uma clarificação e diferenciação de vários conceitos relacionados. **Revista Portuguesa de Educação**, Braga-Portugal, v. 18, n. 1, p. 93-155, 2005.

NASCIMENTO, P. R. B. D.; ALMEIDA, L. D. TEMATIZAÇÃO DAS LUTAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: RESTRIÇÕES E POSSIBILIDADES. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, Porto Alegre, v. 13, n. 3, p. 91-110, abril 2008.

NOGUEIRA, L.; CARDOSO, A. Impacto de promoções de vendas na escolha das crianças: Estudo aplicado aos cereais. **innovacion e emprendedores**, LA Pioja, n. Caminho ao futuro, p. 1761-1775, 2007.

RUFINO, L. G. B. Lutas. In: GONZÁLEZ, F. J.; DARIDO, S. C.; OLIVEIRA, A. A. B. D. **Lutas, capoeira e práticas corporais de aventura**. 2ª. ed. Maringá: Eduem, v. 4, 2017. Cap. 3, p. 29-90.

RUFINO, L. G. B.; DARIDO, S. C. A separação dos conteúdos das “lutas” dos “esportes” na Educação Física escolar: necessidade ou tradição? **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 14, n. 3, p. 117, set./dez 2011.

RUFINO, L. G. B.; DARIDO, S. C. Possíveis diálogos entre a educação física escolar e o conteúdo das lutas na perspectiva da cultura corporal. **Conexões**, Campinas, SP, v. 11, n. 1, p. 144-170, 2013.

RUFINO, L. G. B.; DARIDO, S. C. **O ensino das lutas na escola: possibilidades para a educação física**. Porto Alegre: Penso, 2015.

SANTOS, S. L. C. D. **JOGOS DE OPOSIÇÃO: ENSINO DAS LUTAS NA ESCOLA**. 1ª. ed. São Paulo: Phorte Editora, 2012. 208 p.

SMITH, P. K. Physical activity play: exercise play and rough-and-tumble. In: SMITH, P. K. **Children and Play**. Chinchester: Wi-ley-Blackwell, 2010. p. 99-123.

SOUZA, F. F. D. Impactos da indisciplina no currículo: implicações para os contextos de ensino e aprendizagem. **Horizontes**, v. 31, n. 2, 30 dez 2013.

WIGGERS, I. D. CULTURA CORPORAL INFANTIL: MEDIAÇÕES DA ESCOLA, DA MÍDIA E DA ARTE. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Curitiba, v. 26, n. 3, p. 59-78, maio 2005.